

## SUGESTÕES PARA O ENSINO DA LITERATURA BRASILEIRA

Zahidé Lupinacci Muzart \*

Neste trabalho, nosso objetivo é bem simples: sugerir e repensar velhas práticas do ensino da literatura.

Num mundo desumanizado, onde o maior problema é o da sobrevivência pura e simples, em que medida impõem-se, tornam-se ainda válidas as nossas reflexões? Não será clamar no deserto como visionários? Não, nós acreditamos ainda na validade do ensino da literatura como *um* dos meios de sacudir o aluno de sua alienação, de fazê-lo pensar no momento atual, de torná-lo capaz de reagir criticamente ante fatos que vêm contra ele. Nossa posição de base é de abertura ao diálogo, visando criar ao menos, no nosso pequeno mundo (o da sala de aula), condições de trabalho onde o aluno é antes de mais nada um ser humano e o seu crescimento, primordial para nós.

Concordam todos hoje, não apenas os professores de todos os níveis mas a própria comunidade, que o ensino está em crise. O ensino e a aprendizagem. Não apenas o ensino e aprendizagem básicos, mas também o ensino universitário nas suas áreas específicas. Assim, está em crise o ensino de literatura nos cursos de letras. As causas são tantas! Vamos refletir sobre algumas delas. Vamos pensar inicialmente na falta de interação entre os currículos, entre os programas, entre os professores. Sem muitos altos vôos, sem sonhos, pensamos em algo que pudesse ser feito de imediato. O que está ao alcance de cada professor fazer agora, sem esperar o milagre das bibliotecas bem equipadas, alunos com tempo para ler, professores com tempo para pesquisar...

---

\* Dra. em Letras — Universidade de Toulouse, França.  
Prof.<sup>a</sup> Ajunto da UFSC.

Proporíamos algumas sugestões, como meio prático de ir, aos poucos, melhorando a unidade dos cursos: a) planejamento conjunto dos professores que lecionam nas mesmas turmas; b) exploração de textos comuns (alguns) sempre que possível, cada disciplina aprofundando sua área de estudos; c) cada disciplina incentivar, fornecendo os meios ao seu alcance, a criatividade; d) este mesmo grupo de professores avaliaria os alunos em três níveis: repetição, compreensão e criatividade, atribuindo, nas avaliações, em classe, mais valor aos dois últimos, para que o aluno se esforce por ser ele mesmo e por desenvolver seu espírito crítico; e) executar realizações extracurriculares (painéis, entrevistas, seminários) de que participem os professores das turmas para que fique mais patente a interdependência entre as disciplinas.

Essa relação interdisciplinar iria auxiliar o professor de literatura no aprofundamento de questões ligadas a outras áreas tais como: história, sociologia, antropologia, política, etc.

Outra sugestão nossa, é a de que o ensino da literatura começa com o estudo de autores contemporâneos, para depois preocupar-se com o estudo de autores mais afastados no tempo. Essa observação nos vem de nossa vivência com alunos totalmente despreparadas, sem nenhuma leitura. Em um teste de sondagem, que fizemos em primeira fase, 70% dos alunos não sabia citar três nomes de autores brasileiros e, pelo menos 20% nunca havia lido um romance...

Então perguntamos: não seria muito mais sábio, de nossa parte, se começássemos o estudo da literatura com autores cuja linguagem e preocupações lhes sejam mais próximas? Essa idéia, que não é nossa, que já foi muito praticada nos antigos cursos ginasial e clássico (e hoje, não sei se podemos comparar-lhes o nível aos nossos cursos de graduação...) daria, se posta em prática, bons resultados, como estímulo à leitura. De modo que um currículo de graduação começaria com autores do século XX e terminaria com os cronistas do século XVI.

Outra sugestão, de ordem prática é a de que o curso de literatura, em graduação, preocupe-se com o aprofundamento do tema tratado. É muito mais importante, para o aluno, ver um

autor, em profundidade, criando, ao mesmo tempo, hábitos de pesquisa e reflexão do que ver, superficialmente, 80 ou 100% dos autores indicados, pelo programa. Sugerimos, pois, que, a exemplo dos cursos de pós-graduação, os cursos de graduação também apresentem cursos monográficos. Aliás, o ideal seria a liberdade de escolha. Explicamo-nos melhor: que o aluno, com maior preparo, com leituras mais aprofundadas, pudesse escolher um curso mais aprofundado, mais exigente. Assim, no início do semestre, o aluno escolheria de acordo com seus interesses e qualificação, os cursos nos quais se matricularia. Teríamos, dessa forma, para cada "estilo de época" (ou "escola literária") dois ou mais cursos: 1) *abrangente*: todo o período, com seus principais autores e obras; 2) *monográfico*, que seria dividido em dois: a) principal ficcionista; b) principal poeta.

Durante estágios, na França, uma das coisas que mais nos chamou a atenção foi a diversidade de cursos e a possibilidade de escolha variada assim como a possibilidade de integração das matérias. Isso é Universidade. O que se nota na nossa são compartimentos estanques, o não relacionamento entre eles. Segundo Mestre Alceu Amoroso Lima: "UNIVERSITAS também supõe comunidade".

"A vida universitária não é mera existência e muito menos simples paralelismo de escolas, professores e estudantes. Deve ter uma existência orgânica". (p. 16 — *O Espírito Universitário*).

Temos procurado proporcionar, na medida do possível, uma integração com outras disciplinas mas tudo isso sendo uma iniciativa isolada, sofre conseqüentemente solução de continuidade. Nós acreditamos que o ensino da literatura (seja brasileira, portuguesa, latina, inglesa, francesa, alemã ou espanhola, para só citar as que funcionam na UFSC) precisa estar intimamente vinculado com disciplinas de outras áreas para que não fique um ensino alienado e estanque. Não podemos prescindir do diálogo com outras disciplinas tais como: história, sociologia, política e outras.

A última sugestão nossa seria uma reformulação do currículo da área de letras.

Partindo do princípio de que aquele que não conhece os mecanismos da língua (e isso não significa saber regras de gramática...) que não os interiorizou, não sabe pensar, não sabe falar, nós achamos que deveria haver uma reavaliação dos currículos dos cursos de letras para maior acentuação das cadeiras básicas. Apesar de professora de literatura brasileira, não achamos que a nossa disciplina seja a mais importante mas achamos, isso sim, que aquilo que ela pode fornecer como mecanismos é algo a ser bem pensado. Por exemplo, quando ensina a ler um texto nas suas entrelinhas (para não dizer, nas suas linhas...), quando ensina o poder das imagens, metáforas e símbolos, quando ensina a criticar, a questionar então abre horizontes para os alunos e leva-os a pensarem e a questionarem a própria realidade circundante.

Voltando a nossa idéia inicial de reformulação de currículo, sugeriríamos uma matéria preparatória para literatura brasileira (não é Teoria da Literatura) essa chamar-se-ia LEITURA que seria dividida em duas fases:

#### LEITURA 1 e LEITURA 2

Em Leitura 1, partiríamos de textos do realismo, com linguagem mais acessível ao nosso tipo de aluno.

Autores como: Lima Barreto/Érico Veríssimo/Jorge Amado/Lins do Rêgo e outros à escolha seriam bem preparatórios.

Já em Leitura 2, teríamos os chamados autores "difíceis", cuja leitura não possa ser feita às carreiras, que exija dicionário, leitura atenta e paciente. Autores como Guimarães Rosa/Mário de Andrade/Oswald de Andrade/Clarice Lispector e outros à escolha.

Esse programa pode ser muito variado, podendo usar, inclusive, autores estrangeiros, em boa tradução. Pode-se planejá-lo em unidades, por exemplo: o nordeste, a seca, literatura comprometida/literatura não-comprometida, Infância, Memórias e outros tantos que tais...

Enfim, pode tornar-se um curso muito rico, muito fecundo. E, quando nós, professores de literatura brasileira, iniciássemos a sistematização da literatura nos chamados "estilos de época", o estudo de autores e suas obras, já teríamos o respaldo de um ano de leitura intensiva, de discussões, de debate aberto.

São essas as nossas sugestões, que não trazem nada de novo, são um repensar o ensino e tentar mudar o que, hoje, nos parece modorrento, ultrapassado e alienado da nossa realidade nacional. Literatura é vida, é dinamismo. O nosso curso de letras anda muito estático e já está na hora de tentarmos algo de novo, mesmo que esse novo seja algo do passado.

Terminamos com palavras do sempre Mestre Alceu:

“constitui a Universidade não só o coroamento de todo o processo educativo, mas uma instituição cuja finalidade é a formação do homem completo. Essa função humanista é a própria razão de ser das Universidades e o motivo de sua importância num sistema de solução social e intelectual, para a crise do mundo moderno”. (*O Espírito Universitário*. p. 14. Ed. Agir, 1962).